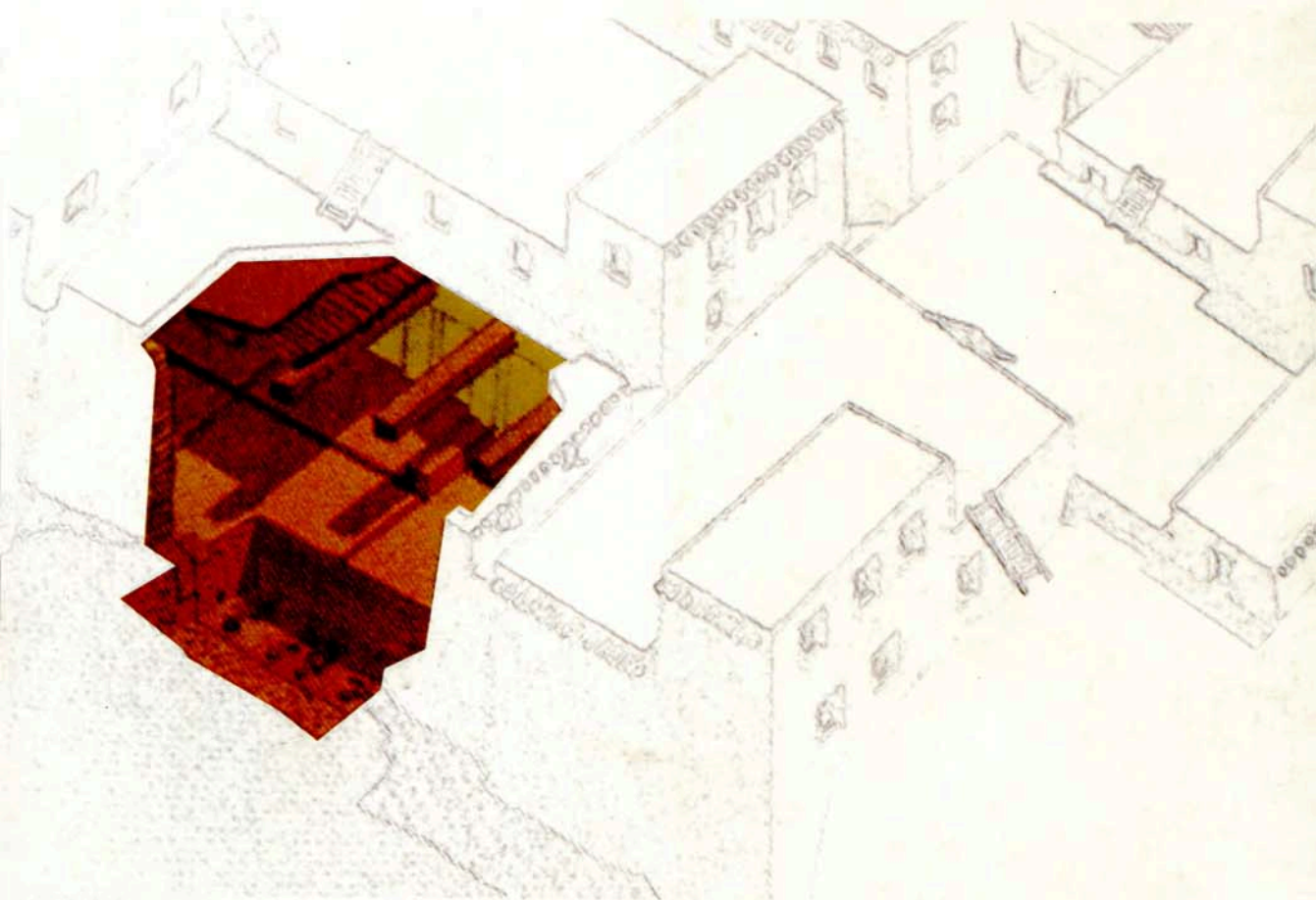


# Terra:

## Forma de Construir

Arquitectura . Antropologia . Arqueologia

10º Mesa-Redonda de Primavera



# **Terra:** **Forma de Construir**

Arquitetura . Antropologia . Arqueologia

10º Mesa-Redonda de Primavera

Editores

Mariana Correia

Vitor Oliveira Jorge

## TERRA: Forma de Construir

Arquitectura – Antropologia – Arqueologia

10ª Mesa-Redonda de Primavera

24 e 25 Março 2006 - Anfiteatro Nobre  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

### Enquadramento

Sabe-se hoje que a forma de arquitectura mais universal, mais acessível a uma grande parte das populações, e provavelmente uma das mais antigas, pelo menos nas regiões onde as condições do meio o permitiam, foi e é aquela que utilizou e utiliza basicamente a terra, quer seja crua, quer cozida.

O barro e os materiais vegetais entrançados terão sido, juntamente com alguma pedra, formas elementares de estruturar um abrigo. Mas outros modos haveriam de ocorrer, quer os baseados na taipa (terra prensada dentro de cofragens), quer no adobe (unidades modulares secas ao sol), quer ainda no tabique (estruturas de madeira em engradado, preenchidas com barro). Todas essas formas de construir existiram em Portugal, e interessaram vários estudiosos, embora não tanto como se impunha, sobretudo num país onde as formas vernáculas de viver e de habitar tenderam a uma modernização muito rápida nas últimas décadas.

Nos últimos anos tem-se assistido a um grande incremento no interesse por estes estudos. Tal incremento nota-se inclusivamente em dois extremos (aparentemente) opostos: a consciência de que a arquitectura em terra é mais ecológica e menos dispendiosa, podendo produzir obras inovadoras de grande qualidade e conforto; e a noção de que muitos sítios arqueológicos, antes supostamente exemplos da construção em pedra (porque esta "ossatura" foi, em muitos casos, a que mais resistiu ao tempo) são afinal, numa tradição circum-mediterrânica muito antiga, sítios construídos com terra, sobre embasamentos de pedra.

A consciência de que temos aqui uma frente de pesquisa riquíssima, interdisciplinar, e que importa aprofundar para melhor conhecimento mútuo de um património que não é só milenário, mas que tem um largo futuro criativo a percorrer, leva a reunir-nos em mais uma "Mesa-Redonda de Primavera". Pretendem-se apresentar os resultados de reflexões e estudos, debater ideias, propor soluções (inclusivamente de investigação, conservação, restauro, e produção de novas obras) e reabilitar, de algum modo, uma realidade injustamente obscurecida. Fazer, em suma, futuro, a partir de uma das mais remotas tradições de habitar o mundo.

### Organização

DCTP- Departamento de Ciências e Técnicas do Património  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP)  
<http://www.letras.up.pt/dctp/>

ESG/Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira)  
<http://www.esgallaecia.com>

### Tema dos Painéis

SESSÃO 1: Contexto e Universalidade  
SESSÃO 2: Antropologia e Arquitectura  
SESSÃO 3: O Homem e a Natureza  
SESSÃO 4: Pré e Proto-História  
SESSÃO 5: Da Proto-História ao Período Clássico  
SESSÃO 6: Período Islâmico

### Coordenação Científica

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)  
Mariana Correia (ESG/Escola Superior Gallaecia)  
Goreti Ferreira de Sousa (ESG/Escola Superior Gallaecia)

### Moderação das Sessões

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)  
Mariana Correia (ESG/ Escola Superior Gallaecia)  
Miguel Rocha (CdT - Associação Centro da Terra)  
Maria Fernandes (CdT - Associação Centro da Terra)  
Goreti Ferreira de Sousa (ESG/ Escola Superior Gallaecia)

### Idiomas

Português e Espanhol

### Secretaria

Raquel Sampaio  
Sandra Carneiro

### Design Gráfico

Teresa Correia

## FICHA TÉCNICA DO LIVRO

# TERRA: Forma de Construir

Arquitectura – Antropologia – Arqueologia

10ª Mesa-Redonda de Primavera

### Direcção Editorial

Filipe Jorge

### Coordenação da Edição

Mariana Correia (ESG/ Escola Superior Gallaecia)

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)

### Coordenação Científica

Mariana Correia (ESG/Escola Superior Gallaecia)

Vítor Oliveira Jorge (DCTP-FLUP)

Goreti Ferreira de Sousa (ESG/Escola Superior Gallaecia)

### Autores

Mariana Correia, Maria Fernandes, Miguel Rocha, Victor Mestre, Catarina Pereira, Pedro Prista, Eloy Algorri, Khalid El Harrouni, Mário Varela Gomes, Patrícia Bruno, Goreti Sousa, Maria de Jesus Sanches, Dulcineia Pinto, Gonçalo Leite Velho, Ana Margarida Vale, João Muralha Cardoso, Vítor Oliveira Jorge, Juana Font, Ricardo Morales, Santiago Macias, Rosa Varela Gomes, Fernando Vela Cossio.

### Design Gráfico

Argumentum

### Imagem da Capa

A partir de ilustração de Lessing - Magnum - Zardoya (Barcelona)  
In: SUREDA, Joan (Dir.) (1994). *Las primeras civilizaciones: Prehistoria, Egipto, Próximo Oriente*. In Historia Universal del Arte, Barcelona, Editorial Planeta.

### Ilustração dos Separadores

Maria João Lopes Fernandes

### Paginação e Pré-impressão

JP\_Produção

### Impressão

SIG – Sociedade Industrial Gráfica

### Depósito Legal

248729/06

### ISBN

972-8479-44-1

1ª Edição - Outubro 2006

### Apoio

DCTP – Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CEAUCP – Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (FCT).

Os artigos publicados expressam o ponto de vista dos autores e não reflectem necessariamente a opinião das instituições organizadoras do evento, assim como dos Editores.

Reservados todos os direitos. Reprodução proibida no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização escrita dos Editores.

© ARGUMENTUM - Edições Estudos e Realizações

Rua Professor Queiroz Veloso, 2

1600-658 LISBOA

argumentum@ip.pt

www.argumentum.pt

© ESCOLA SUPERIOR GALLAECIA

Largo das Oliveiras

4920-275 VILA NOVA de CERVEIRA

esc.sup.gallaecia@mail.telepac.pt

www.esgallaecia.com

# O JOGO DA PEDRA E DA TERRA NUM SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO DO NORDESTE DE PORTUGAL: Castelo Velho de Freixo de Numão - Vila Nova de Foz Côa

**Gonçalo Leite Velho** (arqueólogo, professor universitário)

Instituto Politécnico de Tomar

Campus da Quinta do Contador, 2300 Tomar, Tel: 249 328 100, Fax: 249 328 186

E-mail: gonvelho@ipt.pt

## Introdução

Castelo Velho de Freixo de Numão encontra-se num pequeno promontório, que se debruça sobre o vale da ribeira da vila, encaixado por dois montes que ajudam a formar um anfiteatro. O vale é o testemunho de uma falha geológica, que abre uma fenda na monotonia da superfície fundamental, tendo deslocado e elevado a plataforma que se encontra à sua esquerda.

Algures em inícios do III a.C., um conjunto de seres humanos escolheu este promontório para construir uma série de estruturas, que vieram a dar forma a um recinto. Para nós hoje, este recinto apresenta-se como um problema. Afinal o que era?

Tradicionalmente, o facto de se tratar de um recinto murado de altura apontaria para o facto de se tratar de um local fortificado, como um "castro", ou "castelo". Esta é aliás uma designação comum na toponímia deste tipo de lugares, e é deste modo que são interpretados outros sítios contemporâneos como o Zambujal (Torres Vedras), Leceia (Oeiras) ou Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). Mas será que é de facto assim? Será que um local ermo, delimitado por linhas de murete, é forçosamente um povoado fortificado? Em geral, esta é uma concepção que não é posta em causa. Ora interpretados como colónias (SIRET, 1908, BLANCE, 1961, 1971), ora como povoados fortificados (GILMAN & THORNES 1985, HERNANDO GONZALO 1988, CHAPMAN, 1990, 2003, NOCETE 2001) ninguém ousou negar aquilo que era tido como um facto.

Em 1994 partindo de uma análise comparativa de uma série de locais do III-II milénio a.C., Susana Oliveira Jorge vem a colocar em causa a pretensa unidade deste tipo de locais, sugerindo um novo conceito: **lugar monumentalizado** (JORGE 1994).

Arqueologicamente existe uma certa associação entre um desejo de saber "o que era" e a atribuição de uma função. De algum modo quando S. O. Jorge escreveu o seu trabalho, existia um apelo para que subíssemos de nível interpretativo, no sentido da interpretação do local de um modo que tinha haver com uma análise do próprio espaço.

Mais do que procurar uma visão sobre a função dos diversos elementos, havia uma preocupação relativa aos seus significados, nomeadamente ao modo como cenicamente se encontravam construídos.

Existem uma série de conceitos que estão presentes nesse trabalho e que vêm posteriormente a ser trabalhados, nas sucessivas publicações relativas ao sítio. Por exemplo a ideia de deposição torna-se central, trazendo consigo um certo ar de ritualidade. Esta imagem, a que alguns podem associar uma certa sacralidade, tornaria o sítio mais próximo de uma certa forma religiosa, não compatível com a tradicional ideia de povoado (incompatibilidade relacionada com a dicotomia moderna entre ritual e doméstico)

O apelo para uma antropologia do espaço possuía uma certa invocação a uma análise mais semiológica, na qual se tratava de interpretar os significados existentes em determinadas estruturas, ou mesmo uma semiologia do local como um todo (existe uma similaridade com uma série de outros trabalhos, nomeadamente KENT 1990, RAPOPORT 1990, PEARSON e RICHARDS, 1996, ou BENDER 1998). Mas talvez um dos aspectos mais interessantes que este apelo nos trouxe foi exactamente a ideia de uma análise profunda da arquitectura do local, que se destaca em muito da mera relação moderna entre forma e função.

O trabalho que aqui apresentamos é fruto desta sugestão lançada por Susana Oliveira Jorge. O nosso objectivo é justamente analisar a arquitectura de Castelo Velho. Para nos debruçarmos sobre a arquitectura do lugar, temos em primeiro lugar de saber exactamente a que nos referimos quando falamos de arquitectura. O termo não é genérico e a reflexão sobre o conceito é primordial.

Geralmente a arquitectura de um local é vista como uma construção humana que se impõe sobre um espaço natural pré-existente. Deste ponto de vista existe um sujeito que constrói um conjunto de estruturas e que nesse mesmo processo vai imbuindo-as de um certo significado. Algo que Ingold designa como "building perspective" (INGOLD, 2000). E nosso objectivo com este trabalho, tentar contrapor uma reflexão diferente, partindo para um sentido mais próximo

do que Ingold identifica como uma “dwelling perspective”. Segundo o ponto de vista, que tentaremos aqui demonstrar, a arquitectura de um sítio não se refere apenas a paredes, muretes, taludes ou demais estruturas. A arquitectura transmite essencialmente uma construção, estabelecida por uma vivência. Tal como Heidegger refere:

*“Nós não habitamos porque construímos, mas nós construímos e construímos no passado porque habitamos, isto é, porque somos **habitantes**”* (HEIDEGGER, 2005: 102, em itálico no original).

Trata-se de uma mudança no sentido interpretativo que nos parece fundamental. A ideia de que um edifício por si é suficiente para caracterizar o modo como é habitado parece-nos absolutamente falaciosa. Ela tem essencialmente que ver com o modo como construímos hoje, em que a arquitectura trata da projecção no espaço de um desenho, que posteriormente será habitado. A forma e a função de mãos dadas, como em toda a modernidade. A construção no mundo moderno já não é feita por quem a habita, mas isto não significa que tenha sido assim no passado. A falácia presente na “building perspective” condiciona inclusivamente a própria análise arqueológica do sítio. Hoje ele apresenta-se perante nós, como um palimpsesto, o que não significa que se trate do layout final de uma obra projectada em dada altura.

A construção de um local passa essencialmente pela sua vivência. A não compreensão desta realidade abriu porta aos bairros sociais, desenraizados, que pretendiam impor a ordem e uma nova forma de vida a partir da construção. Trata-se de um objectivo morto à partida ao não se compreender que as pessoas constroem e vivem os espaços e não são os espaços que constroem as pessoas. Do mesmo modo parece-nos fundamental criticar o desafio impossível de tentar pensar Castelo Velho como uma imposição de um plano arquitectónico, desenvolvido numa série de fases. Trata-se de uma falácia moderna empregue à pré-história. É impossível falar da arquitectura do local sem abordar este erro e ele advém sobretudo do modo como encaramos o conceito de arquitectura hoje.

Por outro lado seria ridículo limitar a arquitectura do sítio à mera descrição de um conjunto de técnicas, com o mero ensejo de demonstrar uma certa ancestralidade técnica. Aquilo que nos parece interessante é demonstrar como a reflexão dessa própria técnica nos pode abrir caminho à compreensão do próprio sítio. É talvez esta a ideia chave que tentaremos aqui demonstrar.

## 1. Arquitectar, habitar...

### 1.1. Arquitectar

Em muitos dos seus trabalhos, Martin Heidegger embarca-nos numa viagem em que aborda os termos, desde a sua origem até ao seu actual significado:

*“É a linguagem que nos diz acerca da natureza de uma coisa, desde que nós respeitemos a natureza da própria linguagem”* (HEIDEGGER, 2005: 100).

É já quase um lugar comum referir o facto de que a palavra arquitectura tem a sua origem no latim caracterizando o exercício do *architectu*, termo que deriva do grego *αρχη τεκτων* (*archi-tekton*). Seria fácil traduzir o termo como *αρχη* (primeiro) *τεκτων* (artista), mas isto seria uma simplificação que faltaria à verdade. Pois se *αρχη* tem de facto um sentido relacionado com o primeiro (até ao ponto de ser considerado o chefe), já *τεκτων* tem uma

conjugação que está longe da nossa divisão entre arte e técnica (ou arte e ciência).

O termo *τεχνη* (*technê*), que está na base do termo *τεκτων*, abarca essencialmente a questão do fazer, tanto na sua versão de saber (*know-how*) como na habilidade inerente ao gesto. Como podemos ver é desde logo estranha a separação entre uma componente teórica e outra prática, porque para fazer é preciso saber e *τεχνη* referia-se exactamente a ambos estes aspectos. Não existe diferenciação e nós na nossa língua podemos ainda verificar como muitas vezes entramos nesse sentido original, nomeadamente através da nossa palavra: técnica. Quando tentamos dicotomizar a palavra entramos de facto numa profunda confusão. A própria definição expressa no dicionário ilustra os vários sentidos imersos na história do conceito e o seu sentido plural. Assim, a técnica é identificada como: “conjunto de procedimentos; conjunto de conhecimentos de aplicação prática; habilidade ou saber fazer; jeito especial para executar algo; maneira; prática; ou arte” (Dicionário Priberam, online).

O técnico é “o próprio de uma arte ou ciência; o relativo a um domínio especializado da actividade ou do conhecimento humano; relacionado com os objectos ou os mecanismos necessários à realização de uma acção ou operação”. Como sujeito é “o perito numa arte, técnica ou ciência”, ou seja, o especialista (termo que nos levaria bem longe mas para o qual não nos podemos desviar por falta de espaço) (Dicionário Priberam, online).

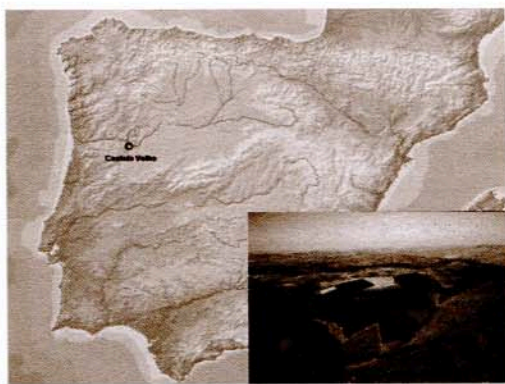
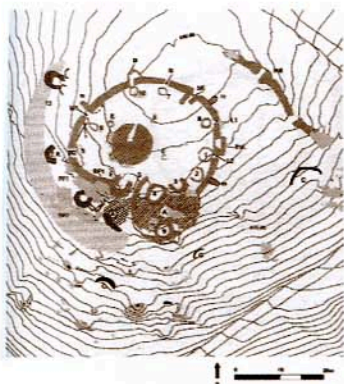
A confusão entre a arte e a ciência é gritante e prolonga-se na definição de ambos estes dois termos. A arte é definida como “um conjunto de preceitos ou regras para bem dizer ou fazer qualquer coisa; um tratado, livro que contém esses preceitos; artifício; artil; faculdade; talento; habilidade; ofício; profissão; indústria; diabrura” (Dicionário Priberam, online). Podemos observar que nesta mera definição de dicionário (que vale o que vale) não encontramos nenhuma referência à estética ou ao belo, mas sim essencialmente à técnica, ao saber, à habilidade.

É esse aliás o sentido contido na grega *ποιησις* (*poiesis*): o sentido de fazer, de criar, de trazer à existência.

A ciência é definida como “conhecimento rigoroso e racional de qualquer assunto; corpo de conhecimentos, sobre um determinado tema, obtido mediante um método próprio; domínio organizado do saber; conjunto organizado de conhecimentos baseados em relações objectivas verificáveis e dotados de valor universal; o conjunto das ciências; o universo da ciência; instrução; erudição; saber fazer; arte, técnica” (Dicionário Priberam, online).

Como vemos, estes dois últimos termos abrem-nos caminho para o sentido de uma visão de inclusão. Para um pescador, carpinteiro, pedreiro, a sua profissão não se divide como uma arte ou uma ciência, ela é arte e ciência. Ela não é algo exterior a si, pois desenrola-se na sua experiência do dia-a-dia, no seu modo de habitar o mundo. Teoria e prática não se referem a dois mundos diferentes, que se excluem. Elas reportam a uma vivência que se desenrola em ambas as esferas, pois não faz sentido separá-las.

E o que nos diz o dicionário sobre a arquitectura de hoje? A arquitectura é “a arte e ciência de projectar e construir edifícios; método ou estilo de construir, que caracteriza uma civilização, uma época” (Dicionário Priberam, online). Vemos como contém o sentido de *τεχνη*, no sentido do fazer, do construir, contudo a modernidade é um edifício



profundamente estabelecido sobre a criação de dicotomias, a separação do sujeito e do objecto, do pensamento e da acção, da teoria e da prática. Arquitectar tornou-se em sentido figurado o plano; o projecto, ou seja, o exercício teórico que passa essencialmente pela prática do desenho (design) em vez de albergar o ser-aí (dasein). Passou ao sentido da planificação, da projecção, da imposição. Talvez pela imposição do primeiro termo do conceito de αρχη τεκτων, αρχη, que apela não só ao primordial como à liderança, o chefe. O termo arquitectura transmite exactamente essa liderança, essa imposição da vontade, que um determina para que outro execute?

Talvez por esse motivo Heidegger, no seu trabalho relativo à construção, não analise a etimologia da palavra arquitectura, preferindo antes analisar a palavra *Bauen* (construir):

*"Este reflexão acerca de construir não presume descobrir ideias arquitecturais, deixadas para dar regras sobre construir. Esta aventura no pensamento não vê em absoluto o construir como uma arte ou como uma técnica de construção senão que segue o construir para aquele domínio a que tudo aquilo que é pertence"* (HEIDEGGER, 2005: 100) É que a arquitectura moderna orbita nessa imposição da Ordem, do Plano, ou seja, o que Heidegger designa como *Gestell* (HEIDEGGER, 1977). O enquadramento com que o Homem tende a arrumar tudo em caixas e que se manifesta no modo como a tecnologia moderna enquadra e ordena, tornando-se paradigma das ciências exactas, a imposição ao mundo de uma ordem, que tudo resume a números, que separa teoria e prática, sujeito e objecto e que parte do plano teórico do sujeito para ordenar e impor toda a prática sobre o objecto. Ora a técnica reside essencialmente no gesto. Ela conjuga em si τεχνη e ποιησις e é o sentido desta que nos permite descobrir a αληθεια (aletheia - a verdade), uma vez que se trata da acção de revelar – o trazer a essência (Wesen). Mas para compreendermos o gesto, temos de compreender o que é de facto construir.

## 1.2. Habitar

Heidegger chama-nos a atenção de que a palavra alemã *Bauen* (construir) está etimologicamente ligada a *buon*, que

posteriormente deriva no inglês *dwel* - habitar. O próprio termo *ich bin* (eu sou) pertence à família de *Wohnen* (o conceito alemão original traduzido para o inglês *dwel*). Assim ser e habitar são formas de manifestação do *Dasein* (ser-aí) (HEIDEGGER, 2005: 101).

O sentido de habitar aqui, não pode ser visto meramente como a ocupação do mundo, ele não tem um sentido impositivo. A habitação trata do estar num local. Da incorporação desse mesmo local e é nesse mesmo sentido é também *habere* (ter), porque existe um envolvimento próprio de ser-no-mundo. Nesse sentido as ruas que percorremos, os cafés que frequentamos, tudo é habitado por nós. Eles são mesmo parte de nós, como nós deles. Essa incorporação liga-se também com o conceito de *habitus* que Mauss introduziu (MAUSS, 1934) e mais tarde Pierre Bourdieu desenvolveu (BOURDIEU, 1977). Trata-se de algo que se refere ao nosso gesto e comportamento, à nossa acção. Profundamente uma incorporação do mundo no qual somos.

Não faz sentido catalogar os espaços de um modo redutor como povoados ou outros termos, sobretudo porque o modo como os habitamos é tão variável como nós mesmos. Há toda uma diversidade e pluralidade que determinadas palavras não conseguem abranger dada a sua história.

Povoado enquanto adjectivo significa habitado, mas como substantivo significa aldeia (a projecção da Al day muçulmana, a propriedade de alguém, como a *villae* romana). Reduzir a aglomerado populacional a riqueza da vivência é sem dúvida limitado, para além de que nesse mesmo local não existe apenas um dormitório ou residência, mas sim um espaço plural que não se resume à funcionalidade. Tornou-se hoje um lugar comum evocar o poema "Minha Aldeia" de António Gedeão, sobretudo quando afirma:

*"Minha aldeia é todo o mundo.*

*Todo o mundo me pertence.*

*Aqui me encontro e confundo*

*com gente de todo o mundo*

*que a todo o mundo pertence."*

Embora estas linhas hoje pareçam remeter mais para o conceito de aldeia global de McLuhan (MCLUHAN, 1962), a

verdade é que aqui elas sugerem-nos o sentido da habitação que é feita do lugar e do mundo a que nos queremos referir. Ou seja povoado faz de facto sentido como adjectivo, mas desvirtua-se como substantivo.

Nós habitamos no mundo. É esta a filosofia do lugar, o latino *localis* (a que pertença). Ele não se estabelece como um ponto único convergente, mas sim como uma pluralidade, que atravessa o ser. *No meu hábito, habito o mundo*. Da vivência resulta o que posso considerar como uma construção, que é ao mesmo tempo cultura e edifício. Construir em latim deriva de *con-struere*, ou seja "ajuntar com". O elemento *struere* trata essencialmente de uma reunião, uma congregação de elementos, presente também em "estrutura" ou "instrução". Esse carácter de reunião está presente nomeadamente na construção de determinados lugares. Eles representam não só a reunião de matérias como de seres. Nesse sentido a construção pode ser o lugar do encontro, da reunião, como também o lugar da festa (RALPH, 2006).

Heidegger aponta que a palavra *Bauen* reúne em si dois termos: *cultivare* e *aedificare*. Cultivar, no sentido de proteger e estimar, preservar e cuidar, como lavar o solo, ou tratar da vinha, num sentido em que não se fabrica, permite-se que surja. O edifício que subjaz ao acto de *aedificare*, não trata de uma imposição ao mundo. Ele não nos é exterior. Os nossos gestos conduzem. O acto de construir guia - *Er-richten* (HEIDEGGER, 2002: 22). Assim vamos parar a uma frase muitas vezes dita em Castanheiro do Vento: "construindo construíam-se" que aponta num sentido orientador do próprio acto da construção.

Se seguirmos o ser, vamos verificar que ele toma realidade através da sua existência. Ela retrata um caminho, que não está traçado, mas antes é escolhido pelo próprio, através da liberdade da sua vontade. Sendo assim todo o ser, constrói o seu caminho, através da sua vivência, pelo modo como habita o mundo. A  $\tau\acute{\epsilon}\chi\upsilon\eta$  é um acto de acção no mundo que clarifica, que guia, que constrói o próprio ser-aí, pelo saber que vai surgindo. Ao mesmo tempo a construção trata desse lado do habitar que é o sentido de pertença a um lugar: o habitat, a terra. "*O trabalho deixa a terra ser uma terra*" (HEIDEGGER, 2002: 24, em itálico no original).

A palavra grega  $\tau\acute{\epsilon}\chi\upsilon\eta$  relaciona-se ainda com a palavra *tikto*, que significa trazer, produzir, gerar (HEIDEGGER, 1997: 208). Esse mesmo termo pode ser relacionado com o alemão *Hervorbringen*, o trazer cá para a frente presente na  $\tau\acute{\epsilon}\chi\upsilon\eta$  e na  $\pi\omicron\iota\eta\sigma\iota\varsigma$ . O acto de construir é também o acto de salientar, de marcar, não no sentido impositivo, mas no sentido de **destacar**.

Com os seus gestos, um conjunto de seres humanos tornaram Castelo Velho um local evidente. Trouxeram-no cá para a frente. Está na altura de vermos como o fizeram.

## 2. Técnicas Construtivas

Como vimos, uma das primeiras noções que devemos derrubar, relativamente a Castelo Velho é a ideia de que se trata de um edifício no sentido de que se impõe sobre uma realidade existente, ou seja sobre o meio natural. A dicotomia natural / humano (criticada nomeadamente por INGOLD, 2000), tantas vezes expressa em termos de elemento natural e elemento antrópico, é um obstáculo à compreensão do que é a arquitectura de Castelo Velho, porque a existir edifício, teríamos inclusivamente de considerar o monte em si, no seu conjunto.

Ao longo de mais de um milénio, é operada uma transformação arquitectónica. O monte é o elemento fundamental, já que ele alimenta a construção de estruturas em pedra.

Extraída do afloramento em xisto, a pedra surge como uma série de blocos que não parecem possuir uma forma uniforme, embora, por vezes, se reconheçam feições que se vão tornando familiares a quem escava o sítio. Estes blocos são utilizados para construir a base de uma série de estruturas, que serão posteriormente alteadas e revestidas de barro.

O xisto constrói uma armação, em que os elementos são colocados num jogo de forças, conferindo solidez às estruturas. Por exemplo na rampa 2, os blocos são dispostos em escama, vindo desde o afloramento superior até encaixarem noutra afloramento inferior que suporta a estrutura. No interior destas plataformas existia uma pequena linha, composta por pequenos blocos facetados, que servia essencialmente como indicador.

A linha de murete que rodeia o recinto superior possui em certos locais uma contra-fortagem que lhe confere solidez. Por exemplo na parte sul do recinto superior, é a própria rampa 1 que serve de contra-fortagem para o murete. Também na zona do átrio, uma pequena rampa de lajes em escama servia de suporte à estrutura 4. Na plataforma intermédia 1, a rampa 2 serve de contraforte ao torreão 2 e à estrutura ritual.

Para além deste jogo de forças, a armação em xisto podia também delinear levemente a base de estruturas circulares ou semi-circulares, que se encontram no interior do recinto. Sobre estas linhas seriam desenvolvidas estruturas em argila e madeira. Esta articulação é comprovada pela existência de uma série de negativos de ramos nos pedaços de barro de revestimento que foram recolhidos na escavação.

No caso das estruturas circulares, provavelmente desenvolver-se-ia uma técnica em que estes ramos seriam entrelaçados, criando uma espécie de cesto semi-esférico invertido, que seria apoiado na linha basal pétreo. Trata-se no entanto de uma mera suposição. Aliás todo o exercício do conhecimento das técnicas de trabalho em terra, utilizadas em Castelo Velho, é complicado, sendo baseado sobretudo num processo de descarte de algumas hipóteses. É certo que não encontramos vestígios de adobe, ou de taipa. O tabique é uma construção histórica, utilizada na construção de paredes não muito espessas, embora tal facto não seja suficiente para descartar a hipótese da sua utilização, sobretudo com base num argumento evolutivo, claramente falacioso<sup>3</sup>.

Fundamentalmente, como dissemos, o que encontramos são pequenos pedaços de argila, com negativos de ramagens, que nos levam a supor que a técnica de construção seria desenvolvida através de uma trama vegetal que serviria de armação para a construção em barro. Essa trama assumiria várias formas consoante o que se desejaria construir.

Na zona do murete, poderia funcionar como uma armação de consolidação interna que se ergueria poucos metros (2 ou 3) acima da base pétreo, que seria também coberta com um barreamento que facilitaria a sua conservação. Do exterior seria apenas visível um murete de aspecto aparentemente uniforme. Não é de todo descartável a utilização de jogos cromáticos, através de materiais de acabamento, que serviriam como aglutinantes. Na zona a caulinite é um material relativamente abundante, estando presente como depósito em determinadas zonas do



acidente tectónico Bragança-Vilaríça-Manteigas, nomeadamente no *graben* de Longroiva.

Na construção de algumas estruturas, são utilizados jogos cromáticos e de texturas, através da utilização de um tipo de xisto diferente, designado localmente como Santo Xisto, explorado ainda hoje comercialmente nas pedreiras do Poio, bem próximo de Castelo Velho. Para além da distinta coloração azulada ou negra com um forte brilho metálico, este xisto apresenta uma textura compacta, apresentando-se geralmente sobre a forma de paralelepípedos, pouco espessos e alongados.

De qualquer modo, a terra seria um elemento fundamental que contribuiria com uma certa maleabilidade, para a construção do sítio. Serviria também para a sua conservação, protegendo os elementos pétreos da degradação, pois o xisto é um material friável e frágil que, dada a sua característica de formação laminar, acaba por se desagregar rapidamente.

A terra era também utilizada para a construção de pisos, mais ou menos compactos, que estabeleciam um certo nivelamento do sítio, protegendo o afloramento que está na sua base e facilitando o movimento. Ao longo do processo de escavação, foram sendo encontrados muitos destes vestígios de nivelamento, alguns com uma potência estratigráfica considerável, nomeadamente junto à base interior do murete sul.

A terra possui essa essência de ocultar (HEIDEGGER, 2002) que a argila convoca. Em Castelo Velho essa essência está presente de vários modos. Por um lado, pela ocultação da armação interior das estruturas, quer da trama vegetal, quer da base pétreo. Por outro os pisos de nivelamento escondem não só a base rochosa, como ocultam em determinados momentos deposições de elementos.

É claro, que em Castelo Velho existe um jogo de ocultação/revelação de elementos. A própria construção do sítio não se desenvolve apenas em altura. Existem uma série de estruturas que são escavadas na rocha de base, algumas das quais continham deposições de elementos. Estas deposições são elas próprias um elemento arquitectónico.

No interior do recinto existem alguns pequenos nichos, escavados na rocha de base e rodeados por uma pequena linha de pedras (assinalados na figura 2 com a letra E). Mesmo no interior das estruturas circulares 1 e 2 existem algumas estruturas também deste tipo.

Por outro lado, junto ao interior oeste da linha de murete, existe uma pequena estrutura desenhada através de uma linha de blocos de xisto, que assentam sobre a rocha de base. No seu interior foram encontrados uma série de fragmentos de vasos cerâmicos, bem como uma grande quantidade de sementes de cereal, propositadamente ocultadas (indicado na figura 2 com um "s").

Existem também uma série de estruturas no exterior do recinto superior, de forma sub-circular e escavadas na rocha de base, designadas como cabanas.

A arquitectura de Castelo Velho não é apenas elaborada em altura, nem tão pouco se restringe em termos de materiais ao xisto, à argila e aos elementos vegetais. Aquilo que designamos vulgarmente como artefactos são eles próprios, elementos constitutivos da arquitectura de um sítio (MCFADYEN, 2006). As cerâmicas que funcionavam como cunhas, os dormentes que são utilizados como limites de nichos, todos estes elementos reportam para uma técnica que se vai mantendo durante um longo período de tempo.

Como afirmamos acima, no gesto existe uma ligação com o acto de cuidar, no sentido próximo do cultivar, em que existe uma protecção e estima do sítio, manifestada pela sua manutenção. O gesto não é apenas a técnica moderna, ele trata da nossa habitação.

É tempo para em jeito de conclusão fazermos uma análise do gesto para que possamos demonstrar o nosso entendimento da arquitectura de Castelo Velho.

### 3. Taskscapes

Nas nossas actividades nós relacionamo-nos com as coisas que nos rodeiam de tal modo que muitas delas passam como que a fazer parte de nós. Tal como o martelo é a extensão da nossa mão, a televisão a extensão olhos e

ouvidos, o carro a extensão das nossas pernas. Esta ideia da tecnologia como extensão é aliás explorada por McLuhan (MCLUHAN, 1962). Contudo mais do que extensões estes elementos são parte de nós mesmos e à medida que nos vamos envolvendo nas nossas actividades, vamos esquecendo a "objectividade do objecto".

Por exemplo, quando conduzimos, não estamos permanentemente a pensar no gesto que vamos fazer a seguir. Tudo flui. E essa fluidez é tanto maior quanto mais se vai incorporando a actividade. Não existe uma projecção de uma ideia sobre o objecto. Ele passou praticamente a fazer parte de nós mesmos. Há medida que vamos exercendo as nossas habilidades, a distância entre a suposta teoria e prática esvai-se, até não fazer nenhum sentido. O próprio código do trânsito vai sendo assimilado como essencialmente gesto.

Por outro lado existem uma série de coisas que nos rodeiam e das quais nem sequer temos consciência, talvez até pelo modo como estamos habituados a elas. Quantas vezes, nos aconteceu estarmos à procura de uma coisa sem a encontrarmos, até que subitamente nos deparamos com ela. Está ali à nossa frente e nós não a estávamos a ver. Ela simplesmente não se tornava evidente, não se destacava do demais. Encontrava-se escondida entre o cenário daquilo que para nós se tornou familiar. Nós não identificamos as coisas num processo de reflexão e reconhecimento. Elas simplesmente fazem parte do nosso mundo e vão sendo trazidas para a frente em alguns momentos. Noutros repousam deixadas para trás, imersas no cenário.

Através da construção, Castelo Velho sobressaiu, destacou-se, tornou-se evidente. Não se trata de uma criação mas sim de um acto de trazer à luz, como a escultura que se solta da pedra pela mão do escultor.

O facto nós não pensarmos nas coisas não significa que nós não as conheçamos. Ao conduzir um carro, eu não penso no carro (enquanto objecto abstracto do qual eu elaboro um reconhecimento cartesiano) mas eu afirmo que conheço o carro e até posso dizer mais, posso dizer que conheço a estrada de tal modo que, "até a consigo fazer de olhos fechados". A estrada que eu conheço não é a linha que surge no mapa. É aquela em que conduzo através de uma série de locais que se revelam familiares e que posso inclusive antever com a minha imaginação.

Por vezes o gesto reveste-se de uma tal familiaridade e de uma tal inconsciência, que até leva ao equívoco. Quando damos por nós, viemos parar ao mesmo sítio de sempre, por aquele caminho habitual, pelo qual não queríamos seguir. É essa a familiaridade que vai sendo construída quando estamos a escavar num sítio. Vamos cultivando-o e incorporando-o até que o conhecemos de "olhos fechados".

Não se trata desse conhecimento racional, cartesiano, moderno, dito científico. Mas provavelmente é um modo de conhecimento mais profundo do que o exercício de dadas metodologias, aplicadas de um modo contínuo, que se tornam num fim em si mesmas (a tecnologia pela tecnologia, a técnica pela técnica), perdendo-se o rumo do essencial: o rumo da pergunta.

O que está presente em Castelo Velho não é apenas um mundo de objectos que serviram para uma projecção mental de significados. O que lá está é o resto de uma vivência própria daquela altura, que fazia parte daquelas

pessoas que ali habitaram (no sentido da habitar que falamos anteriormente, como a posse do local pelo *habitus*).

Se a "*building perspective*" analisa o plano, os cenários, a construção como imposição, a "*dwelling perspective*" compreende que é por viver que construímos e não é por construímos que iremos viver. No caso de Castelo Velho temos de ter atenção à pergunta que queremos fazer. Se o que queremos saber é "o que é Castelo Velho?", temos de ter muita atenção ao sentido presente do verbo contido nesta afirmação. Se perguntamos "o que era Castelo Velho?" a presença do verbo no pretérito leva-nos a termos em atenção que o passado não é, *foi*, e este sentido tem presente um tempo longo que não se coaduna com instantes.

Esta temporalidade leva-nos também a questionar a arquitectura do local, no sentido da imposição do desenho. O modo como assimilamos o conceito de arquitectura vai tão longe que afecta até o modo como compreendemos estas sociedades. O dispositivo panóptico prisional desenhada por Jeremy Bentham no século XVIII e que Foucault analisa (FOUCAULT, 1975), é ele próprio o símbolo da tensão emergente nesse espaço chamado prisão, que é produto da modernidade e que faz sentido nessa mesma modernidade. Trata-se da imposição do "design" moderno que gera uma tensão que facilmente conduz à contestação e à luta, que se revela, não somente face a um exterior, mas a um interior. Há um sentido de implosão e de destruição para a libertação da vontade. A hierarquia, mais do que imposta, tende a ser negociada.

Um murete só pode reunir e unificar se for sentido como próprio, se for habitado, caso contrário ele é a incomoda presença do Outro que nos oprime.

Mais ainda, imaginar Castelo Velho como uma imposição exterior, como um plano estabelecido (nessa visão do arquitecto como o que chefia) é ignorar que o local possuiu mais de mil anos de habitação, e que ao longo desse tempo as vivências foram elas próprias estabelecendo o sítio, tanto quando o sítio foi estruturando as próprias vivências. Um jogo semelhante ao do barro e do xisto, em que um serve de armação para a forma de outro, mas em que a plasticidade da terra permite que se possa libertar para desenhar formas diferentes. Até mesmo a armação de base em xisto foi alterada.

A realidade é dinâmica e não compreender isto é não compreender o modo como este sítio foi sendo construído. Um sítio como Castelo Velho não é estático nem imutável, não pode ser cortado por uma lamela e observado a microscópio, como foto de um momento, de uma fase. Essa dinâmica, própria do mundo, encontra-se presente também sobre o que possa ser esta sociedade. A ideia do arquitecto como o chefe remete-nos para uma reflexão que se torna necessária sobre o que é de facto a chefia.

É necessária uma reflexão profunda sobre como eram este tipo de sociedades, que são tradicionalmente encaixadas no paradigma dos chefados. No fundo uma análise do que é o poder e a própria política, porque nada é eterno e tudo tende a ser negociado. Talvez a própria modernidade ainda não nos tenha permitido verdadeiramente compreender esse tecido do qual é feita a vida em comum (a chamada sociedade). Mas esse já seria assunto para uma outra reflexão, quem sabe futura.



## Bibliografia

- BENDER, B. et alii, (1998) *Stonehenge: Making Space*. Oxford: Berg Publishers
- BLANCE, B. (1961) "Bronze Age colonists in Iberia" in *Antiquity* 35. p.192-202
- BLANCE, B. (1971) "Die Anfaenge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel", in *Studien zu den Anfaengen der Metallurgie*; Bd.4, Berlin: Gebr. Mann.
- BRADLEY, R. (2005) *Ritual and Domestic Life in Prehistoric Europe*. London: Routledge
- CHAPMAN, R.W. (1990) *Emerging complexity. The Later Prehistory of Southeast Spain, Iberia and the West Mediterranean*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHAPMAN, R.W. (2003) *Archaeologies of Complexity*. New York: Routledge
- Dicionário Priberam online: <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>
- FOUCAULT, M. (1975) *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard.
- GILMAN, A. e THORNES, J.B. (1985) *Land Use and Prehistory in South-East Spain*. London: George Allen & Unwin.
- HEIDEGGER, M. (1977) [1954] "The Question Concerning Technology" (translation by William Lovitt), in *The Question Concerning Technology and Other Essays*. New York: Harper Torchbooks, 3-35 (versão online: <http://www.culturalecono-mics.atfreeweb.com/Anno/Heidegger%20The%20Question%201954.htm>).
- HEIDEGGER, M. (2002) [1960] "The origin of the work of art" in *Off the beaten track*. (edited and translated by Julian Young and Kenneth Haynes), Cambridge: Cambridge University Press. p.1-56 (versão online em: <http://traumwerk.stanford.edu/projects/StanfordArchaeologicalTheory/admin/download.html?attachid=18874>).
- HEIDEGGER, M. (2005) [1951] "Building, Dwelling, Thinking" in LEACH, N. *Rethinking Architecture: a reader in cultural theory*.

## Notas

- 1 A dicotomia ritual/doméstico é tema de uma obra recente, extremamente pertinente, pela mão de Richard Bradley (BRADLEY 2005)
- 2 Não deixa de ser curioso o facto de arché em arquitectura se referir a uma liderança, quando em arqueologia se refere a uma primordialidade. Talvez esta diferença ajude a explicar o diferente modo como arquitectos e arqueólogos olham o

Oxon: Routledge (versão online: <http://pratt.edu/~arch543p/readings/Heidegger.html>)

HERNANDO GONZALO (1988) *Evolución Interna y Factores Ambientales en la Interpretación del Calcolítico del Sureste de la Península Ibérica: Una Revisión Crítica*. Madrid: Universidad Complutense, 2 vols (tese de dout. policopiada).

INGOLD, T. (2000) *The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

JORGE, S. O. (1994) "Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular" in *Revista da Faculdade de Letras do Porto*. II série. 11. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia - p.447-546

KENT, S. (ed.) (1990) *Domestic Architecture and the Use of Space*. Cambridge: Cambridge University Press

MCFADYEN, L. (2006) "Material culture as architecture - Neolithic long barrows in Southern Britain" in *Journal of Iberian Archaeology* 8. Porto: ADECAP

MCLUHAN, M. (1962) *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. London: Routledge & Kegan Paul

NOCETE, F. (2001) *Tercer Milenio Antes de Nuestra Era. Relaciones y contradicciones Centro/Periferia en el Valle del Guadalquivir*. Barcelona: Bellaterra Arqueologia.

RALPH, A. (2006) "Constructive consumption: feasting in Iron Age Britain" in *Journal of Iberian Archaeology* 8. Porto: ADECAP

RAPOPORT, A. (1990) *The Meaning of the Built Environment: A Non-verbal Communication Approach*. Tucson: The University of Arizona Press

PEARSON, MP; RICHARDS, C. (1996) *Architecture and order: Approaches to social space*. London: Routledge.

SIRET, L. (1908) - "Religion néolithiques de l'Ibérie" in *Revue Préhistorique*, nº7-8 - p.7-13

- 3 Ainda recentemente, no XV Congresso da UISPP, foi apresentado pela equipa que trabalha em Marroquies Bajos, muros em adobe, pré-históricos.

## Curriculum Resumido

Lecciona desde 2000 no Instituto Politécnico de Tomar, tendo vindo a especializar-se nos temas das aplicações informáticas à arqueologia e das arquitecturas pré-históricas, com particular incidência no período referente ao III-II milénio a.C. Em breve apresentará a sua tese de Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.